

MALUNGO MONACO



Equipe **Kàwé***



O mundo estava mergulhado na Segunda Grande Guerra. Naquele período, o povo-de-santo também enfrentava outra guerra, igualmente cruel: o preconceito oficial movia severa perseguição contra os terreiros de candomblé. Na Bahia, não foi diferente: havia a forte determinação de se eliminar, da cultura baiana, as marcas da africanidade. Assim, muitos pais e mães-de-santo, principalmente aqueles mais novos, deslocaram-se para outras regiões. Percília da Costa Nascimento preferiu se mudar para Ilhéus que, naquele tempo, era a capital do cacau.

* O Kàwé, enquanto um grupo de pesquisadores, está voltado para o estudo sobre o negro e a cultura afro-brasileira na área de influência da UESC. É próprio do Kàwé contribuir para a significação do lugar que a cultura de matriz africana ocupa na constituição dos saberes da Região Sul da Bahia. É justamente por isso que o Kàwé vem publicando, através de reportagens e entrevistas, notícias sobre pais e mães-de-santo que se fixaram na Região, a partir da década de quarenta.

Neste número, fazemos uma justa homenagem a ialorixá Percília da Costa Nascimento, também conhecida pelo seu nome africano de Malungo Monaco, que se fixou no Pontal, ainda nos tempos da Segunda Guerra. O texto não é uma biografia, até mesmo porque a equipe responsável não conseguiu ter acesso a informações mais detalhadas sobre a vida pessoal da notória ialorixá.

Vale explicar que a preocupação da Equipe Kàwé centraliza-se nos eventos que, a partir do trabalho do terreiro dirigido por Malungo Monaco, propiciaram mudanças no Pontal. A referida ialorixá também é tomada aqui, como um indicativo para se pensar o mundo dos terreiros em Ilhéus, suas origens e participação efetiva com a comunidade mais ampla.

Ela veio para a terra do cacau, com a finalidade de fundar um terreiro-de-angola. Durante os dois primeiros anos, fixou residência no Outeiro de São Sebastião, onde começou a exercer as atividades de mãe-de-santo. Depois, mudou-se para o Pontal, onde fundou o terreiro de candomblé. Ocorre que a maioria dos moradores daquela localidade vivia uma cultura que era adversa aos costumes afro-brasileiros e rejeitava, por isso mesmo, o povo-de-santo. Além do mais, o terreiro tinha a liderança de uma mulher, que era negra, mãe-de-santo e novata no lugar. Esses atributos já eram suficientes para que a nova comunidade tivesse de enfrentar as conseqüências dos vários preconceitos. Se o momento mundial era de guerra, o terreiro também teve de enfrentar essa outra guerra particular. A sua luta, no entanto, foi calcada a partir de valores coletivos, pois essa é uma das características do povo-de-santo, do viver e do fazer nos terreiros de candomblé.

A nova comunidade exercia práticas de vida do candomblé-de-angola e, por isso mesmo, realizava muitas festividades. Anualmente, entre outras comemorações, no dia dois de julho, o terreiro promovia o famoso samba do Caboclo Jinitá. Eram três dias com três noites de samba-de-roda, e muitos moradores do Pontal tornaram-se freqüentadores assíduos da festa. O dia dois de julho, considerado data de comemoração da independência da Bahia, passou a ter também uma outra forma de ser comemorada no Pontal: o samba-de-roda em homenagem aos Caboclos, no Terreiro de Dona Percília. Isso concorreu para que fossem se criando possibilidades de interação entre grupos sociais diversos.

Alguns acontecimentos foram importantes para a evidência do terreiro em suas relações com a comunidade mais ampla. O primeiro deles teve implicação direta com o momento de guerra que estava sendo vivido e o movimento de tropas militares em Ilhéus, que era intenso. E num dia de festa para Ogum, o orixá da guerra, muitos soldados vieram visitar o candomblé. Quando Ogum se manifestou, alguns soldados caíram em transe de orixá. Isso foi motivo para comentários que se alastraram, e a população interpretou o fato como uma demonstração da força mágica do terreiro.

Um outro fato marcante envolveu o terreiro, a polícia civil e um oficial do exército. Uma moça de família proeminente, repentinamente, viu-se possuída por um espírito maligno, terrível, que promovia desordens e eventos fora do comum, quando se manifestava nela. O caso tornou-se público e foram inúteis todas as ações de exorcismo por parte de religiosos das mais diversas correntes. A moça terminou sendo trancafiada na cadeia, por medida de segurança. Não tendo mais para quem apelar, a família da moça obsedada recorreu ao terreiro. Com o consentimento do delegado da época, numa cerimônia pública, o pessoal



do terreiro se apresentou para fazer um exorcismo afro-brasileiro, na própria delegacia de polícia. A cela foi aberta e o espírito, manifestado na moça, submetido a interrogatório, para conhecimento do que se tratava. O espírito mau confessou que aquela moça, às escondidas, era amante de um sargento, pessoa de renome no Pontal. E ele, o espírito malfeitor, estava ali, a mandado da esposa do sargento, para se vingar. Revelou como o fato tinha se dado e o que ele tinha ganho para fazer aquele mal. A mãe-de-santo fez o exorcismo e retirou o espírito maligno. A moça, famosa por sua beleza, se recuperou daquela atribulação para sempre.

Esses dois fatos se somaram e também concorreram para que tanto o terreiro, quanto Percília passassem a

ser respeitados na região. A partir dessa época, a *dijina* de Malungo Monaco, o seu nome ritual, tornou-se conhecida e divulgada. Enquanto isso, muitos participantes de outros pequenos terreiros da vizinhança passaram a frequentar o terreiro de Percília. Os que se transferiram vieram nela mais fundamento e, naquele outro terreiro, encontravam novas oportunidades para vivenciar um outro modelo de relacionamentos. Isso rendeu ao terreiro de Malungo Monaco algumas desavenças, promovidas entre ela e dirigentes de outros terreiros, de onde alguns fiéis se evadiam. Ela, no entanto, defendia o recém-chegado a seu terreiro, mesmo que isso sacrificasse certas parcerias. Tudo isso demonstra que Malungo Monaco sabia lidar com estruturas de poder e as atividades de seu terreiro contribuíram para modificar o modo de pensar das pessoas.

Tempos depois, quando a guerra já tinha acabado, Malungo Monaco comprou um sítio numa localidade denominada Santo Antônio, após o Couto, e transferiu o terreiro para lá, embora ela continuasse a residir no Pontal, na sua antiga casa-de-santo. A inauguração do novo terreiro, no Santo Antônio, aconteceu com uma festividade que abalou a redondeza. E quando Malungo Monaco festejou seu jubileu de ouro de iniciação, já estava rodeada por muitos netos, e o nome do terreiro estava firmado na Região do Cacau. Ela soube, no entanto, aliar a convivência familiar com as obrigações do terreiro e também com os relacionamentos mantidos na comunidade, mais ampla.

No Pontal, não havia médico nem posto de saúde, naquela época. Pontal era apenas um arrabalde de

Ilhéus, preferido pelos veranistas nos períodos de férias, que iam lá, apenas para gozo e descanso, mas sem investirem no local. Os moradores sofriam terríveis conseqüências, resultantes da falta de cuidados por parte dos governantes municipais. Enquanto isso, era grande a afluência ao terreiro, que rezava e receitava, curava e ajudava, confortava e acudia, tornando-se um ponto de referência, para onde acorriam muitos dos que estavam necessitando de ajuda.

O Pontal aprendeu a devotar respeito, amizade e confiança naquele outro tipo de comunidade. O número de conhecidos, amigos, compadres, comadres, afilhados, fiéis, adeptos e simpatizantes continuou sendo construído ao longo do tempo. E como entre o povo-de-santo, tudo tem dois lados, o terreiro também foi muito temido, principalmente pela magia que dominava. Mas foi justamente por isso, por resumir em si esses dois lados, que o terreiro de Malungo Monaco teve condições de ajudar a desbravar e construir o Pontal.

Já em idade avançada, Malungo Monaco se foi, após um terceiro infarto do miocárdio. Sua filha Conceição, também conhecida como Ancialu, assumiu o cargo de dirigente do terreiro. Seu mandato, no entanto, foi breve, pois Ancialu também se foi. Atualmente, seus herdeiros vêm conduzindo as obrigações no terreiro do Pontal, pois o terreiro do Santo Antônio, após o falecimento de Ancialu, foi desativado.

Os sucessores de Malungo Monaco continuam o seu trabalho até hoje, à frente de novos terreiros, tanto no Pontal, quanto em

outros lugares no país, todos ligados à mesma raiz do candomblé-de-angola. Isso confirma os valores dos que vivenciaram o culto afro-brasileiro no antigo Pontal, cuja prática superou o pós-guerra, mudou costumes, além de se espalhar por outros espaços, para além das fronteiras de Ilhéus.

Embora sua linhagem não se perdesse, Malungo Monaco levou consigo o porte de rainha, as atitudes de guerreira e os braços maternos que envolveram o Pontal e impulsionaram a herança do candomblé-de-angola, na Região Sul da Bahia.

